
SUPERSTIÇÃO: ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA

VALTERLAN TOMAZ CORREIA*

Resumo

O objetivo deste artigo é explorar as observações do filósofo Benedictus de Spinoza (1632-1677) quanto às causas da superstição. A superstição, que é o medo e a esperança, cria subterfúgio nos momentos mais desesperadores nos quais o homem não encontra saída com fundamento na razão. Sendo assim, medo e esperança são a base sustentadora da superstição e justificam as escolhas dos homens alimentados pelos sentimentos frutos das vicissitudes da vida. Spinoza conclui que todos os homens estão sujeitos à superstição e se apegam fortemente a qualquer forma de escape ou salvação, ainda que seja uma ilusão.

Palavras-chave

Homem, Superstição, Medo, Esperança, Razão.

SUPERSTITION: BETWEEN THE FEAR AND THE HOPE

Abstract

The purpose of this article it's to explore the observations of the

* Mestrando em Filosofia no programa de pós-graduação da UECE; membro do GT Benedictus de Spinoza no Projeto de Pesquisa **A questão da liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza** da Universidade Estadual do Ceará – UECE

philosopher Benedictus Spinoza (1632-1677) about superstition causes. The superstition, which is the fear and the hope, to create subterfuges in the most desperate moments in which the man doesn't finds exit on basis of the reason. Therefore, fear and hope are the base which sustains the superstition and justify the choices of men influenced by feelings which are result of the adversities of life. Spinoza concludes which all of men are subject to superstition and clings strongly to any form of escape or salvation, even if it's an illusion.

Keywords

Man, Superstition, Fear, Hope, Reason

Introdução

As importantes observações e duras críticas acerca da superstição feitas por Spinoza não teriam, talvez, tanto crédito se não fosse pela sua boa base religiosa e educacional, fortemente influenciada por princípios morais. O que não quer dizer, de maneira alguma, que Spinoza tenha sido um moralista, mas apenas que tinha o conhecimento aprofundado para falar com propriedade do assunto, a saber, desses rudimentos disciplinadores da natureza humana. Proporcionados pelo medo e a esperança, que desde muito cedo condicionam o homem e o torna refém em vários aspectos da superstição, trazem implicações gravíssimas fazendo com que este passe a viver na servidão. A vida do filósofo, sua experiência, seu século de ouro, suas ávidas leituras e reflexões inquietantes, suas indagações, seu desentendimento com os rabinos e religiosos radicais do século XVII (especialmente judeus e calvinistas), ou seja, esse conjunto de elementos e fatos o permitiu tratar com propriedade dos assuntos mais relevantes de seu tempo de extremo fervor religioso e político, temas que podemos observar

em sua obra intitulada *Tratado Teológico-Político*¹, que ainda hoje repercutem demasiadamente em nossa sociedade. A maneira como o pensador tratou desses assuntos dizem-nos muito sobre o homem e seu comportamento, sobre a sociedade e sua moral, sobretudo, a respeito de nossos desejos particulares diante da vida, diante daquilo que aceitamos como verdade.

O pouco que sabemos da infância de Spinoza já nos assegura de que este teve uma educação rigorosa (o que parece não fugir à regra religiosa) a ponto de saber distinguir logo cedo credence de devoção, mérito não só de seu pai², mas também de sua perspicácia e genialidade. Além disso, estudou teologia dedicadamente por alguns anos, certamente dominava a hermenêutica e a exegese, bem como a língua hebraica, assim pôde levar para o campo das discussões filosóficas assuntos antes intocáveis. Assim, esse filósofo que não se retratou com comunidade judaica da qual fazia parte, tinha profundo conhecimento do que escrevia e falava, mas não só no campo teológico ou filosófico, seu conhecimento era amplo e bem fundamentado.

Mas por que incomodar-se tanto com a superstição? Qual a relevância e implicação desse tema? De fato, Spinoza esgotou as possibilidades em dois subpontos, a saber: medo e esperança. Para o filósofo holandês, interessa fundamentalmente como pensador racional, num primeiro momento, de que maneira ocorre a superstição. A constatação a qual ele chega é a de que o homem supersticioso é

1 Para as citações referentes à obra de Spinoza nesse trabalho, utilizamos a *Ética* edição bilingue Latim-Português de Tomaz Tadeu, Editora Autêntica, 2010 e as seguintes siglas: (E) para a obra *Ética*, a parte citada em algarismos romanos seguida da letra correspondente para indicar as definições (Def), axiomas (Ax), proposições (P), prefácios (Pref), corolários (C), escólios (S), Apêndices (Ap) e Definição de afetos (AD) com seus respectivos números em algarismos arábicos. Para o *Tratado Teológico-Político*, utilizamos a sigla TTP com a indicação dos capítulos em algarismos romanos e para o prefácio, a sigla “pref”. Quanto ao *Tratado Político* utilizamos a sigla TP e para indicação dos capítulos algarismos romanos, já os parágrafos serão indicados pelo símbolo § seguido de seu respectivo número em algarismo arábico.

2 O pai de Spinoza era tido como homem muito sensato, foi quem o instruiu a não confundir carolice com devoção. A análise do filósofo é bem típica de um homem racional e sensato. (CHAUI, 1979).

vítima ora de seu medo insano e preservador e ora de sua esperança advinda do súbito desejo de conseguir dias melhores, livrando-se, portanto, de seus infortúnios. (SPINOZA, 2008).

A maneira como as pessoas entendem, lidam e aceitam as dificuldades próprias da vida ou como as interpretam soa um tanto superficial para Spinoza, isto é, tais pessoas pensam de maneira inadequada ou parcial³, ou ainda, seu conhecimento está mais relacionado com o campo da imaginação que da racionalidade, pois os homens estão mais inclinados para suas preferências que para a causa, e por isso, se perdem em devaneios. Neste sentido, Spinoza esclarece bem a maneira pela qual o homem se deixa levar pela fantasia, demonstrando que as percepções do homem sobre o que o afeta influenciam diretamente na configuração que ele tem acerca do mundo, o que parece não haver é uma necessária dose de discernimento.

A imaginação fértil que o homem traz consigo o leva a esquecer-se por alguns instantes da realidade que o cerca. A razão, que deveria predominar no intuito de levá-los à verdade dos fatos, fica numa espécie de segundo plano ou suspensa, como que impedida de testificar a vida em sua naturalidade. Mas ao invés disso, a imaginação faz com que ele se debruce numa falsa ideia proveniente de uma apreciação irrefletida da vida, do mundo, das coisas e das emoções, o que por vezes é a sua ruína. Essa falsa concepção de mundo e dos fenômenos confunde e faz o homem temer por não conhecer a origem das causas. Evidentemente, este posicionamento implicará numa forma de vida sujeitada e limitada, uma vez que o homem que se submete a viver unicamente pelo viés imaginativo acaba sendo escravizado. Escravidão esta imposta por homens astutos que de uma forma ou de outra articulam bem sua razão para fins impróprios e egoístas, isto é, subjugar os menos racionais e desprovidos de bens, pois “Se os homens pudessem em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas

3 Causa inadequada para Spinoza é: “[...] aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só”. (EIII, df. 1, p. 163). Ou ainda: “[...] quanto mais ideias inadequadas a mente tem, tanto maior é o número de paixões a que é submetida”. (EIIIP1C.).

da superstição.” (TTP, 2008, p. 5). Assim, devido às inflamações das paixões, ou ainda, da falta de controle e discernimento, não há uma ponderação necessária a respeito de suas decisões e ações para se determinarem e definirem as causas como elas são verdadeiramente. Spinoza, entretanto, não escreve tais advertências para o vulgo, antes, como se refere no prefácio do *TTP* é para os que tem condição de “filosofar livremente”.⁴

Imaginação ou ideia inadequada

Com efeito, é a partir da compreensão de que todos os homens para Spinoza são também dotados desse primeiro gênero de conhecimento, bem como de superstições, que optamos por iniciar pensando a respeito da imaginação, relacionando-a à superstição, ainda que esta não esteja restrita ao imaginativo. Sendo assim, todos os homens estão de um modo ou de outro sujeitos ao medo e a esperança e, portanto, são supersticiosos. Ora, a superstição pode relacionar fatos ou imagens que não estão necessariamente ligadas, pois: “A mente poderá considerar como presentes, ainda que não existam nem estejam presentes, aqueles corpos exteriores pelos quais o corpo humano foi uma vez afetado.” (EIIIC).

Na ótica de Spinoza, a imaginação, esse primeiro gênero de conhecimento, também tem a sua devida importância. No entanto, ele não poderia concebê-la efetivamente como algo real ou coerente, pois considera que: “a mente não erra por imaginar, mas apenas enquanto é considerada privada da ideia que exclui a existência das coisas que ela imagina como lhe estando presente.”⁵ Sobre isso, Marilena Chauí explica em seu livro intitulado *Espinosa: uma filosofia da liberdade*, o seguinte: “[...] a imagem é verdadeira enquanto imagem e é falsa enquanto ideia.” (CHAUI, 1995, p. 39). Isso porque a mente do homem se confunde com a quantidade das imagens com que é afetado o corpo, o que para Chauí gerará “imagens confusas e obscuras”.

Spinoza diz claramente em sua *Ética* o seguinte: “Se o corpo

4 TTPpref

5 EIIIS

humano foi, uma vez, afetado, simultaneamente, por dois ou mais corpos, sempre que, mais tarde, a mente imaginar um desses corpos, imediatamente se recordará também dos outros.” (EIIIP18). E assim, uma imagem confusa “opera com as ideias inadequadas.” (CHAUI 1995, p.38). Portanto, a nossa existência e a das coisas que conhecemos dependem fortemente da maneira como somos afetados, de como reagimos a tais afetos ou de como os interpretamos, de modo que o ser humano pode criar relações que na realidade não existem.

O que percebemos aqui é que o homem cria inferências baseadas em suas primeiras impressões as quais não deveriam ser aplicadas em outros momentos, uma vez que cada ocasião seja única, e a existência de uma ideia não implica necessariamente na presença de outra. Por certo, são afetos diferentes. Podemos citar como exemplo a situação em que surgem os amuletos de sorte, a presença daquele objeto não implica que se terá uma situação favorável sempre, mas como isto já ocorreu de alguma maneira, e pode até ser que por mais de uma vez, o indivíduo considerará uma ideia ligada à outra. Trata-se de algo fortuito e não de algo sobrenatural. Dessa forma, a imaginação é usada para atribuir uma causa indevida a um acontecimento ou um desejo exacerbado. E nesse sentido dirá Spinoza:

Compreendemos, assim, claramente, porque a mente passa imediatamente do pensamento de uma coisa para o pensamento de outra que não tem com a primeira qualquer semelhança. [...] E, assim, cada um, dependendo de como se habituou a unir e a concatenar as imagens das coisas, passará de um certo pensamento a este ou aquele outro.⁶

Portanto, para Spinoza, somos de instante em instante fortemente afetados, porém de modos diferentes em cada um desses instantes. Assim, influenciados por nossas percepções,⁷ não processamos de maneira correta as causas, isto é, as falsas impressões fazem com que nosso discernimento sobre as coisas seja prejudicado. Isto porque

6 EIIIP18S

7 Usamos esse termo para fortalecer nosso argumento e não para enfatizá-lo de forma pejorativa, pois o homem é naturalmente ser de interesses e está sempre disposto a fazer uso de sua potência a fim de conseguir obter seus interesses.

se cria uma relação da primeira imagem com as novas imagens, situações que se nos apresentam num amplo emaranhado, interligando lembranças e realidade. Nesse contexto, se essa imagem trouxe para mim uma sensação boa ela será sempre favorável e agradável, mas se por ventura ela foi ruim, será sempre nefasta e desagradável. Ora, isso é demasiado sério, porque a imaginação de uma imagem distorcida, ainda que ela seja verdadeira, pode mudar toda uma interpretação, uma lógica, o mundo.

A imaginação atua como um projetor de sonhos ou desejos, misturando fantasia e realidade, fazendo com que os anseios do homem interfiram em seu raciocínio, criando uma lógica incabível, produzida por uma falsa sensação de estar correto quanto às suas deduções, ainda que não haja coerência nos fatos, ainda que não tenha nenhuma relação entre a ideia imaginada e a imagem real, talvez nem haja uma imagem real, apenas devaneio. Isto se dá pelo fato do homem desejar e por isso mesmo viver numa tremenda inconstância entre o medo e a esperança. Mas nos parece, entretanto, que é o medo, primeiramente, que leva o homem a esperar, pois ele é o eixo principal da superstição, a esperança⁸ parece, às vezes, ser um sentimento tardio que nasce justamente para sanar o medo. Ora, Spinoza coloca da seguinte forma no prefácio do *Tratado Teológico-Político*: “A que ponto o medo ensandece os homens! O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição.” (TTPpref.). É o medo, antes de tudo, a causa principal da superstição.

Evidentemente, a esperança é um fator tão importante quanto o medo, a tal ponto de ser ela, de certa maneira, o oposto do medo, no sentido de que é ela mesma um paliativo para evitar a dominação pelo medo, o que poderia levar a outro extremo. É com a esperança que o homem cria um mundo paralelo onde enxerga a possibilidade de dias melhores, uma espécie de salvação por assim dizer. Não quer

8 É importante lembrar que para Spinoza a manifestação desses dois componentes da superstição pode acontecer de maneira simultânea, mas também separadamente. “[...] se têm dúvidas, deixam-se levar com a maior das facilidades para aqui ou para ali; se hesitam, sobressaltados pela esperança e pelo medo simultaneamente, ainda é pior; porém, se estão confiantes, ficam logo inchados de orgulho e presunção.” (TTPpref.).

dizer com isso que a esperança liberta e o medo aprisiona o homem, não é isso. A esperança tende para uma absurda ou ridícula credence que é um fator relevante para a superstição, em última instância ela é, ratificamos, um paliativo. Sendo que para Spinoza são justamente esses dois extremos que justificam o homem supersticioso. Pois, se por um lado o medo paralisa, causa temores e tremores, por outro lado, a esperança gera uma expectativa, uma espécie de subterfúgio que ameniza o temor e traz tranquilidade para o indivíduo, ainda assim nos dois casos ele se equivoca.

No medo, por ser coagido a aceitar o que lhe é imposto, bem como por não desejar sentir tristeza, dor, por fim para não morrer; e na esperança por querer se salvar, ter o desejo ou a intenção de que algo novo lhe aconteça, confia piamente sem que haja uma reflexão mínima que analise a situação adequadamente, a ideia é salvar-se plenamente. O que lembra mais uma convicção subjetiva na qual as evidências são substituídas pelo desejo em ter, ver, ou se relacionar com o objeto desejado, esse que é fruto ora da idolatria e ora do fetiche, os quais se relacionam diretamente com a superstição.

Nesse sentido, Marilena Chauí, em seu artigo *A estrutura retórica do verbete Spinoza*, aborda uma série de pressupostos os quais contribuirão para a nossa colocação. Sob a perspectiva dos argumentos de Bayle que por sua vez enxerga no raciocínio de Plutarco que a superstição é ainda pior que o ateísmo, diz ela:

A idolatria ou a superstição é pior do que o ateísmo porque é pior uma crença que atribui imperfeições a Deus do que a mera negação de sua existência, pois uma crença desse tipo favorece brutalidades, extravagâncias, crimes e paixões poluidoras, levando a impiedade maior do que a daquele que nada atribui a Deus porque lhe nega o ser. O conhecimento que o idólatra possui de Deus só serve para tornar seus crimes mais atrozes, pois o ateu desconhece a vontade de Deus, mas o idólatra a conhece e, portanto, seus crimes não podem ser imputados à ignorância, à malícia. Não se pode esquecer, ainda, que é mais difícil converter um idólatra do que um ateu, pois ao crer em falsos princípios e praticar falsas cerimônias, seu espírito fica preenchido e convencido que está na verdadeira religião e nada o fará abandoná-la, se não com enormes dificuldades. Finalmente, a idolatria é pior do que o ateísmo porque a desordem e a obstinação nas disposições do entendimento e do coração dos idólatras são maiores do

que nos ateus, pois as infâmias que os primeiros atribuem a Deus são piores do que a “horrível cegueira”, e a “prodigiosa ignorância” dos segundos. (CHAUI, 2009, p. 316).

Com efeito, o problema do supersticioso, o qual Chaui iguala ao idólatra, se deve ao fato dele ser tão fanático e inflexível, isto é, fechado em suas próprias convicções, que se recente facilmente com qualquer um que não acredite como ele nas ideias as quais o torna tão devoto e maravilhado, ainda que o outro não professe tal fé. É importante acrescentar que o comportamento desse homem de superstição está justificado naquilo que ele considera como sendo verdadeiro. Por isso mesmo, se acha ou no direito ou na obrigação de defender sua crença caso alguém a questione e/ou a desmereça, e assim pode até partir para atos atrozes.

Cabe até nos perguntar: por que esse homem defensor da “verdade”, “justiça”, “paz” e “amor”, se é que verdadeiramente acredita nisso como fundamental para uma vida piedosa e condizente com os princípios de sua fé, ou ainda com os exemplos de seu mestre, a saber, Jesus Cristo, é tão inconstante em seu proceder? Parece-nos que tal homem não tem as atitudes de quem busca preservar as bem-aventuranças. Nesse sentido, Nietzsche desmistifica as ações do homem, e nisso é muito preciso, ao dizer em *Além do bem e do mal*: “[...] como a superstição da alma, que, como superstição do sujeito e do Eu, ainda hoje causa danos.” (NIETZSCHE, 2005, p. 7). É importante salientar que apesar de exemplificarmos essas observações no homem religioso, a superstição é própria da natureza humana.

Ora, o sujeito supersticioso já se apegou demasiadamente à imagem delineada por sua imaginação, sendo esta dificilmente contestada enquanto não houver uma conscientização e abandono do objeto imaginado ou substituição de uma percepção falsa por outra tão falsa quanto. Logo, o homem se encontra num emaranhado de imagens confusas, mas também desejáveis e, por isso mesmo, pode imaginar tudo o quanto necessita para manter-se esperançoso e distante do medo, isto é, seguro e em paz consigo mesmo e com seus semelhantes num “mundo de faz de conta”, ou se desejar, num mundo utópico onde todos vivem em paz uns com os outros em obediência a Deus e as suas

ordenanças (leis espirituais).

As leis espirituais que deveriam estar apenas no campo religioso, ainda que sejam preceitos que regem a vida do homem de fé em sociedade, se estendem para as imediações do campo político, repletas de sutileza pessoal e, conseqüentemente, religiosa, fruto de paixões pessoais que o atinge tão impetuosamente que o faz de forma pretensiosa querer para todos aquilo que é seu particular, acreditando estar fazendo o melhor quando na verdade está sendo comodista e tirano.

A superstição como sustentáculo para a sujeição do homem

[...] os homens só se deixam dominar pela superstição enquanto têm medo [...] todos os homens lhe estão naturalmente sujeitos (digam o que disserem os que julgam que ela deriva do fato de os mortais terem todos uma ideia qualquer, mais ou menos confusa, da divindade); em segundo lugar, que ela deve ser extremamente variável e inconstante, como todas as ilusões da mente e os acessos de furor; e, por último, que só a esperança, o ódio, a cólera e a fraude podem fazer com que subsista, pois não provêm da razão, mas unicamente da paixão, e da paixão mais eficiente. Daí ser tão fácil os homens acabarem vítimas de superstições. (TTPpref.).

Eis uma forma simples para os tiranos e ditadores controlarem o vulgo (povo): a superstição. Ela tornou-se desde muito tempo uma “arma” eficaz nas mãos desses homens. Mas podemos acrescentar a ela a forte paixão do homem em buscar para si coisas supérfluas, ou se desejar, bens incertos. Para Spinoza: “[...] porque o vulgo persiste na sua miséria é que nunca está por muito tempo tranquilo e só lhe agrada o que é novidade e o que ainda não lhe enganou, inconstância esta que tem sido a causa de inumeráveis tumultos e guerras atrozes.” (TTPpref). Segundo Marilena Chaui:

[...] Têm medo de que males lhes aconteçam e de que bens não lhes aconteçam, assim como têm esperança de que bens lhes aconteçam e de que males não lhes aconteçam. Como, além disso, desejam imoderadamente coisas que lhes parecem depender inteiramente da fortuna e desejam ter a posse exclusiva delas, afastando todos os outros e, enfim, como reconhecem que tais coisas são efêmeras, seu medo e sua esperança não acabam

nunca [...]. (CHAUI, 2003, pp. 10-11).

Ora, no momento em que homens astutos percebem essa inclinação humana para as frivolidades, no instante em que o medo e a esperança juntamente com o desejo exagerado na busca de todo tipo de bens incertos for efetivado, e sempre o é, pois a todo o momento há pessoas com medo, com esperança e desejando, é aí que reina a tirania de um grupo (os que mesmo sendo supersticiosos entenderam não apenas a sua natureza, mas a de todos os homens, que é a mesma em todo lugar) sob outro grupo, os que se sujeitam à servidão⁹ (homens controlados por suas paixões).

Decorre daí um jogo de manipulação político atrelado à religião, a intenção parece ser ludibriar, entreter, vendar, atemorizar, controlar, oprimir e não a de fazer com que o homem passe a compreender a si próprio e o mundo em toda sua diversidade, pensando adequadamente para não se deixar levar por impulsos repentinos e falácias. Manter o homem na servidão é também mantê-lo em seus próprios infortúnios, em suas ânsias e pavores, na dissolução do seu próprio ser.

Os bens incertos

Devemos levar em conta que a oscilação do homem com relação à superstição não o permite pensar coerentemente, a prevalência do medo como uma força inibidora da ação busca mais que qualquer coisa, precaver-se de algum dano que por ventura possa surgir. E assim, esta existência do medo pode ter como justificativa a busca insaciável por coisas supérfluas,¹⁰ uma vez que há inumeráveis possibilidades de que sobrevenha algo ruim, é como se tais bens pudessem mantê-lo sempre seguro ou a salvo.

Outra questão pertinente, nos parece, é que o excesso de confiança pode levá-lo a um estado de sublimidade e ao mesmo tempo

9 “Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos [...]” (EIVpref.)

10 Aqui nos referimos a bens materiais mesmo, levando em consideração que muitos homens depositam a sua segurança, confiança, salvação e até mesmo felicidade a esses bens.

ignorância que o torna, como bem coloca Spinoza: “[...] inchados de orgulho e presunção.” (TTPpref.). É como se tal pessoa quisesse e buscasse apenas se desvencilhar dos seus infortúnios, ao invés de buscar aquele verdadeiro bem¹¹ que pode realmente trazer-lhe um valor significativo à vida. O problema é que o homem não se conhece, mais do que isso, segundo Spinoza, a maioria deles ignoram a si próprios. Por isso mesmo buscam de maneira equivocada, infundada, e para usar um termo muito usado pelo filósofo, inadequada, as “coisas perecíveis.” (KVII/5/6). Decorre desse fato o ser parcial, raso em conhecimento e volúvel. Como diz Spinoza: “[...] As riquezas, as honras e a concupiscência. Por elas a mente se vê tão distraída que de modo algum poderá pensar em qualquer outro bem.” (TCI, 1979, p.45).

Não é preciso conhecer um indivíduo em sua plenitude para saber o que anseia, basta vê-lo no seu empenho dia a dia, pelo que busca. Nesse sentido, Spinoza¹² nos diz tão seriamente, como se fosse uma incumbência de sua parte nos alertar quanto às armadilhas na busca pelos bens incertos. Em seu *Tratado da Correção do Intelecto*, já citado acima, nos esclarece dizendo que são as riquezas, as honras e a concupiscência os bens incertos. Ele não parece apenas dizer, ele

11 Para Spinoza, o verdadeiro bem é o conhecimento de Deus/Natureza. “E como o verdadeiro amor nasce sempre do conhecimento de que a coisa é magnífica e boa, o que pode então seguir-se senão que o amor não poderá derramar-se sobre ninguém com mais força do que sobre o senhor nosso Deus? Porque somente Ele é magnífico e um bem perfeito. (KVII/5/11).

12 Quanto às divergências no que tange a forma escrita do nome de Spinoza, seus estudiosos levantam uma série de pressuposições. Para este artigo nos embasamos na escrita do nome do filósofo como sendo Benedictus de Spinoza. Conforme defende prof. Dr. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso na **Revista Conatus – Filosofia de Spinoza**. Que leva em consideração a argumentação de Abreu, em suas palavras: “concordamos inteiramente com a argumentação de Abreu [...] Mas no que se refere aos derivados, discordamos da escolha dos termos espinosismo, espinosista, espinosano, pois a mesma foi baseada nas regras ortográficas vigentes em Portugal”. Portanto, indicamos ao leitor a fim de maiores esclarecimentos e/ou obtenções de informações para quicá, futuras pesquisas, que busque a fonte indicada nesta nota, a saber: FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **O nome de Spinoza**. Disponível em: <http://www.benedictusdespinoza.pro.br>. Acesso em: 20 de Setembro de 2014.

chega a dar diretrizes¹³, usando mais que qualquer exemplo o seu próprio proceder, tendo em vista um “novo modo de vida”. (TCI, 1979, p.45). Para tanto, se faz necessário corrigir o intelecto, é preciso tomar consciência sobre as coisas para só aí se desvencilhar de tais ciladas, isto é, uma mente com conceito claro e distinto daquilo que é falso em prol do verdadeiro (SPINOZA, 2010). Sobre isso, nos diz Elton Luiz Leite de Souza em seu artigo intitulado *Spinoza e o sentido*:

A emendatio não é uma correção, tal como se corrige uma resposta errada a uma questão que lhe pré-exista. A emendatio é a libertação do intelecto dos falsos problemas. Emendar o intelecto não é corrigi-lo, tampouco reformá-lo, mas fazê-lo parte de um todo não intelectual, e do qual é parte igual do corpo. (2007, p. 23).

Todavia, não nos parece que os homens estejam dando importância para a emendatio ou a libertação do intelecto. Ora, a ganância, o egoísmo e o enaltecimento desmesurado, ou ainda a busca desenfreada por tais bens é um grande prejuízo para o homem, tendo em vista que esses bens que anseia ou possui lhe causam tanta tristeza, quando não as tem, quanto alegrias e apego quando as têm. E assim, pelo primeiro motivo suplicam a intervenção de Deus, ou imploram os favores dos homens, a fim de adquirirem tais bens, ou no segundo caso, se isolam e se ensoberbecem a fim de conservar seus bens. Porém, nos dois casos se angustiam buscando auxílio para conquistar e conservar o que já está de posse. Segundo Spinoza:

[...] todos eles, designadamente quando correm perigo e não conseguem por si próprios salvar-se, imploram o auxílio divino com promessas e lágrimas de mulher, dizem que a razão é cega porque não pode indicar-lhes um caminho seguro em direção às coisas vãs que eles desejam, ou que é inútil a sabedoria humana; em contra partida, os devaneios da imaginação, os sonhos e as extravagâncias infantis, parecem-lhes respostas divi-

13 Quando nos referíamos à palavra “diretrizes”, queremos fazer alusão às regras de vida a qual nos instiga o filósofo a vivermos, sobre o pressuposto de “chegar à suma perfeição humana”, ele diz: Todas as nossas ações, assim como os pensamentos, hão de ser dirigidos para esse fim. Mas visto que é necessário viver enquanto cuidamos de consegui-lo e nos esforçamos por colocar o intelecto no caminho reto. (TCI, 1979, pp. 47-48).

nas. (TTP, 2008, p. 6).

Como se vê, Spinoza percebe que tais indivíduos tentam fiar-se em Deus para assegurar suas futilidades e talvez só isso interesse a eles em vez da grandeza que é conhecer esse bem maior. No entanto, não enxergam, não buscam entender e amar esse Deus pelo que é em si, a saber, a própria realidade que nos constitui enquanto tais e nos proporciona, no seu produzir, todo tipo de sensação e pensamento, dando-nos assim, o sentido mais pleno e lógico da existência. “Porque somente Ele é magnífico e um bem perfeito.” (KVII/5/11).

Decorre daí que o autor percebe uma incoerência no desejo desenfreado das pessoas por bens incertos: elas querem ter coisas e status para se satisfizerem, no entanto não são suficientes, pois eles não buscam o que realmente é necessário para vida, parece que jamais chegarão a um contentamento e/ou felicidade. Nesse sentido, nos parece que Feuerbach traduz com maestria o pensamento de Spinoza, que certamente é atual, diz ele:

Mas certamente para esta época que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a fantasia à realidade, a aparência à essência, é esta transformação, exatamente por ser uma desilusão, uma destruição absoluta ou uma pérfida profanação, porque sagrado é somente a ilusão, mas profana a verdade. Sim, esta sacralidade aumenta na mesma proporção em que a verdade diminui e a ilusão aumenta, de forma que o que é o mais alto grau de ilusão é também o mais alto grau de sacralidade. (Feuerbach, 2009, p.25).

A inversão provém justamente do desejo desenfreado e do fato de ignorarem as causas. Segundo Spinoza: “[...] quem se une a coisas perecíveis é sem dúvida muito miserável; pois como elas estão fora de nosso poder e sujeitas a muitos acidentes, é impossível que, se elas vêm a sofrê-los, ele mesmo [o amante] possa se livrar deles.” (KVII/5/6). Portanto, mudar a ordem natural das coisas será sempre uma tentativa de escapar da realidade, muitas vezes incompreensiva pela capacidade humana, é sempre fantasia, delírio, sonho e ilusão. “[...] se os que amam as coisas perecíveis, que ainda têm um grau de essência, são tão miseráveis, quanto mais serão aqueles que amam as

honras, as riquezas e os prazeres, que carecem totalmente de essência!” (KVII/5/6).

Considerações finais

Vimos que a origem da superstição está fortemente ligada às percepções que o indivíduo tem do mundo e de como ele as interpreta, bem como seu constante desejo pelos bens que a fortuna pode lhe proporcionar, isto é, coisas perecíveis, supérfluas ou bens incertos. A imaginação do homem tem um papel fundamental na efetivação da superstição, justamente porque ela é resultado das percepções que se tem das coisas que afetam o homem, ela cria associações que não condizem com a realidade. Neste contexto, acrescenta-se o medo e a esperança. O medo do infortúnio estimula o homem a buscar saídas quando ele não encontra na razão o escape que necessita, sendo assim, busca em qualquer outra opção aquilo lhe faça acreditar que seu problema terá solução. A esperança contribui para esta visão deturpada, pois estimula o homem a acreditar em sua visão distorcida de mundo.

Spinoza busca mostrar a raiz do problema da superstição e do quanto ela está arraigada na natureza humana, independentemente da religião ou da cultura. Pela dificuldade de perceber adequadamente o que o cerca através das causas verdadeiras, o homem segue levando sua superstição para além do pessoal, tomando decisões a partir de uma lógica equivocada. Toda esta conjuntura permite, por assim dizer, que os homens sejam subjugados com base nas superstições que cultivam. Esse controle advém daqueles que perceberam esse aspecto da natureza humana e o utilizam a seu favor, pois o medo e a esperança são eficazes para manipulação; o medo impõe e a esperança mantém o julgo. Nesta perspectiva, os bens incertos incentivam essa condição na medida em que nunca é possível se satisfazer, sempre será preciso mais e mais. No entanto, nem sempre as condições serão favoráveis e só a superstição pode auxiliar a manter a crença de que se obterá mais no futuro.

Para Spinoza, a única forma de se desvencilhar desta condição é adquirindo um novo proceder que parte necessariamente do

conhecimento de Deus/Natureza, pois assim é possível compreender adequadamente as causas, de modo que dificilmente aquele que assim pratica pode ser dominado pela superstição.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa: Uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).
- . **A estrutura retórica do verbete Spinoza**. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 50, no120, Dec. 2009.
- FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Trad. de José da Silva Brandão. – 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOUZA, Elton Luis leite de. **Spinoza e o Sentido**. *Revista Conatus: Filosofia de Spinoza/Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades*. – v.1, 1, (jul./dez.2007). – Fortaleza: Ed. Da Universidade Estadual do Ceará, 2007.
- SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Teológico-Político**. 2. ed. – São Paulo, trad. Diogo Pires Aurélio: Martins Fontes, 2008. (TTP).
- . *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- . Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí, Abril Cultura, São Paulo, 2. Ed, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- Revista Conatus – Filosofia de Spinoza**. Disponível em: <<http://www.benedictusdespinoza.pro.br>> Acesso em 25 de Outubro de 2014.

